

A IDEIA

Publicação fundada
em 1974

Não destinada
a venda comercial

Periodicidade
anual

"OLHE, TEVE QU'IR DAR AULAS!"

De há alguns anos a esta parte, é comum ouvirem-se diálogos como o que se segue:

- Então, o seu filho? Já acabou o curso?

- Já, já, o pior agora é o emprego...

- Ah, pois é...

- Está a ver, Agronomia, nos tempos que correm! Olhe, teve qu'ir dar aulas!

Esta última frase - desculpem a nota narcisista - deixa os meus belos chifres positivamente arrasados. É que me custa a aceitar que, cada vez com mais frequência, a profissão de professor seja considerada como uma espécie de bóia salva-vidas vogando num balde de alterosas imundíces. Ser professor, para as mães e os pais dos recém-licenciados, é uma verdadeira afronta feita às suas expectativas e sacrifícios de tantos anos; é o descrédito total das suas competências maternas ou paternas. Ter um filho ou uma filha como agente de ensino exige sempre uma explicação, uma desculpa. Ele ou ela realmente nunca teria escolhido uma tal ocupação tão mar-

ginal, com tão pouco "status", não. nunca... mas o desemprego é uma maçada - obriga os jovens a "darem aulas". Eles, quais mancebos em idade de serviço militar, lá têm que ir cumprir o fadário, com a vantagem de receberem um pré mais aliciante e podem gozar férias alargadas. E elas, quais donzelas em idade casadoira, lá tem que arranjar um marido coxo (como é todo o Ensino em Portugal...) para não sofrerem o desdém ainda maior de ficarem solteiras.

De maneira que, para toda esta gente, ser professor é uma vergonha, é o ferrete do insucesso, embora, paradoxalmente, seja a essa vergonha e a esse ferrete que se agarram sem pudor. E não lhes passa sequer pelas cabeças que a vergonha está precisamente no facto de não poderem nunca ser professores a sério, sem aspas. Porque o mais terrível da frase "Olhe, teve qu'ir dar aulas!" está em se considerar que a tarefa de ajudar os jovens a acederem ao conhecimento é coisa de somenos, é mesmo uma perfeita inutilidade, porque inútil

1996